

João Tordo
O Bom Inverno

Romance

I

Pusemos o homem dentro do cesto do balão e deixámo-lo desaparecer no céu pálido do Lácio. Foi um momento dramático e, se não houvéssemos caído naquele torpor pesado e ruminante que de nós se apoderou, alguém teria erguido um braço para, por entre lágrimas ou sorrisos, acenar um último adeus a Don Metzger. Foram precisos oito braços para transportar o corpo do carro até à gôndola de verga, junto da qual o sinistro Bosco havia, com a ajuda do fiel Alipio, insuflado de ar frio o envelope de *nylon* preto, a grande ventoinha ensurdecendo aquele dia tão fúnebre. Acomodámos Don dentro da gôndola o melhor que pudemos – tanto quanto era possível acomodar um gigante – e depois, com um gesto de amor que chegou a parecer cruel, Bosco abriu a válvula de propano e acendeu o maçarico, as chamas incendiaram o ar e ergueram a gôndola do chão como se a carregassem na palma de uma mão invisível. Era ainda cedo naquela manhã e Don já partia em direcção ao infinito, onde conjuntos de nuvens em vários tons de cinzento, banhadas por um sol melancólico, avançavam lentamente em direcção à montanha, sobrevoando-a como anjos coléricos que trouxessem o prenúncio de tempos terríveis.

Nenhum de nós se moveu enquanto o balão negro se fez aos céus, mesmo quando este era já uma miniatura recortada contra a vastidão nebulosa. Num círculo desfeito, na clareira do bosque, observámos a última ascensão de Don, sabendo que éramos nós que ficávamos sozinhos no mundo, e não ele. Talvez nos tivesse faltado a coragem; talvez, naquele momento, adivinhássemos já que nada saberíamos fazer sem Don e ficaríamos para sempre sujeitos ao jugo da sua ausência. Foi assim que o Bom Inverno começou. Foi em Sabaudia, foi há uns meses (embora me pareça ter sido há muito mais tempo), foi por acaso e, ainda assim, sempre que penso nas coisas que me aconteceram, coloco a possibilidade de não ter existido qualquer acaso e de tudo poder ser explicado para depois, com um sorriso e um abanar frouxo da cabeça, dizer a mim próprio que é escusado estar a adiantar-me porque o melhor é começar pelo princípio.

Existem, na verdade, razões para explicar como as coisas aconteceram e, se existem razões, é possível ordená-las numa cronologia. Porém, tal como no funcionamento do universo, o todo raramente corresponde à soma das partes. Mas posso certamente explicar as partes ou, pelo menos, procurar fazê-lo: como fui parar a Itália quando o meu destino era regressar a Lisboa vindo da Hungria; como passei aquele tempo na companhia de desconhecidos que se tornaram meus semelhantes e, mais tarde, meus inimigos; como Don Metzger acabou enfiado na gôndola de um balão depois de morto; como esse balão, imitando a última vontade de um pássaro ferido, percorreu mais de cem quilómetros nas correntes de ar e se despenhou ao largo da ilha de Ponza. Passo a passo, é possível contar a história, embora seja impossível, no final, compreendê-la. Eu não a compreendo e os meus companheiros de infortúnio não a compreen-

dem – ou porque estão mortos, ou porque deixaram de existir para mim, o que, em última análise, vai dar ao mesmo. Existem sempre razões; mas, como todos sabemos, as razões nunca serão suficientes. No entanto, e porque qualquer história terá de as apresentar a certa altura para se validar a si mesma, vou começar precisamente por elas.

II

A primeira vez que ouvi falar de Don Metzger – um homem tão intenso e fugaz como um cometa – foi num restaurante em Budapeste na última Primavera. Por essa altura eu já vivia do subsídio de desemprego havia seis meses e a Hungria era o último lugar do mundo onde imaginava poder vir a encontrar-me. Fui lá parar como podia ter ido parar a qualquer outro lado e, a contragosto, acabei por travar conhecimento com Vincenzo Gentile. Foi Vincenzo quem me falou de Don e foi por causa de Vincenzo que acabei por passar uns tempos em Sabaudia, uma cidade de província na costa italiana de que nunca ouvira falar e que não figura nos roteiros habituais dos turistas, ou sequer nos roteiros habituais dos turistas italianos. Mas não foi certamente por causa dele que deixei de trabalhar, nem foi por sua causa que fiquei coxo; seria injusto atribuir-lhe responsabilidade por todos os erros (incluindo os meus) e, assim, é inevitável dizer que, se é verdade que o italiano me abriu as portas do Inferno, também é verdade que era para lá que a minha vida rumava havia bastante tempo.

Para ser sincero, não era grande vida. Que coisa pode ser mais ridícula do que um escritor que não acredita na literatura, embora julgue, paradoxalmente, que esta acabará por o vingar? Pois bem, era o meu caso.

Havia muito tempo, aliás, que deixara de acreditar; havia muito tempo, também, que fingia que isto não era verdade; e, por isso, procrastinava, adiando todas as decisões e vivendo sem qualquer convicção de que a vida fosse um acontecimento digno de referência porque, mais cedo ou mais tarde, uma obra magistral acabaria por me fazer justiça. Portanto, eu era escritor e, embora não acreditasse na literatura – ou precisamente por causa disso, porque algumas pessoas teimam em bater com a cabeça nas paredes –, remetia todas as esperanças de futuro numa carreira literária que se recusava a sair do lugar, tratando a vida como um caixote do lixo por não saber o que fazer com ela.

A verdade não é tão linear. A verdade é que, após vários anos a vagarear pelos arredores da literatura, não é impreciso dizer que me encontrava gasto. Sem me ter dado conta, batera a todas as portas e tornara-me um assaltante profissional, intrometendo-me em todos os meios e apresentando-me a todos os trabalhos com idêntica disponibilidade: durante esses anos fui jornalista, revisor, tradutor, criativo numa agência de publicidade, escrevi prefácios e posfácios de livros, discursos de políticos de segunda e, numa altura mais complicada, criei menus de degustação para restaurantes e letras de canções para um cançonetista popular que plagiava os mexicanos. À parte, ia mantendo uma carreira literária e, no Outono de há dois anos, publiquei o meu terceiro romance sem fazer ideia nenhuma de que, com esse livro, acabara de fechar um ciclo – como se o livro fosse a premonição de alguma coisa monstruosa ou dos tempos que estavam para vir. Esse romance era, tal como os dois primeiros, de um gritante pessimismo, tão gratuito que muitos leitores o abandonavam ao fim de umas quantas páginas, alegando que a realidade já era suficientemente macabra – no meu primeiro livro, por

exemplo, um homem cuja família morria num incêndio fechava-se num apartamento londrino e começava a coabitar com fantasmas, falando sozinho e perseguindo vultos de cuja existência duvidava; no final, acabava por duvidar da própria existência, e assim por diante, num exercício sádico de dúvida metódica. Enfim, os horrores sucediam-se. Não obstante, os livros foram sendo publicados, foram razoavelmente ignorados e, depois, como uma onda que regressa cheia de detritos e algas peçonhentas, as portas em meu redor foram-se fechando com estrondo. Ignorando os melhores conselhos da família e dos amigos, e sem saber ainda que era preciso ter cuidado com o que oferecíamos ao mundo – pois a miséria e a solidão ficcionadas podiam tornar-se reais –, acabei por ser despedido de um emprego estável como guionista numa pequena produtora de televisão, em Setembro do ano passado, por me incompatibilizar com os colegas, com o meu chefe e até com as senhoras da limpeza que amiúde esbarravam comigo a dormir nas casas de banho a meio do expediente. Evidentemente, forcei o despedimento com atitudes insubordinadas que é escusado descrever aqui e, dois anos após a publicação do terceiro romance – que, como os anteriores, morrera na praia –, decidi caminhar voluntariamente para o meu cadafalso, convencido, na altura, de que era a atitude de um herói. Não sei dizer exactamente porque o fiz. Talvez porque a literatura, coisa extraordinária e impossível de explicar (e justamente por isso alvo de constantes e frustradas tentativas), fora uma jovem ambição que cedo se transformara numa fonte de mal-entendidos. Fosse porque não acreditava em mim próprio, fosse precisamente pela razão contrária – porque, no fundo, me julgava capaz de coisas extraordinárias –, tomei a decisão de, após muito tempo a fazer aquilo a que normalmente chamamos «ganhar a vida»,

renunciar a essa flagrante perda de tempo e fechar-me em casa a escrever a obra com que, finalmente, me vingaria do mundo.

Como quase sempre acontece a quem toma este género de decisões, escrevi muito pouco mas bebi imenso enquanto falava de páginas que só existiam na minha imaginação. O subsídio de desemprego, aliado a algumas economias, permitia-me essa veleidade e tinha alguns amigos que não se importavam de me acompanhar. De maneira que entrei numa espécie de marasmo criativo e sentimental, convencido de que não era um marasmo mas um sortilégio, uma coisa inevitável e não passível de ser justificada racionalmente, demasiado obscura para ser compreendida – um encantamento ou uma peste, dependendo do ponto de vista. Este marasmo, julgava eu, fazia parte do processo de criação dessa tal obra-prima; era a sina de um tipo que finalmente começava a tornar-se um verdadeiro escritor, aquela película finíssima de paralisante pessimismo que nos ia separando da realidade e, a cada hora que passava, se tornava imperceptivelmente mais espessa, até que um dia nada nos podia tocar mas também nada nos podia salvar, de tal modo nos encontrávamos isolados de tudo. Mas a verdade é que, escrevendo ou não, eu sempre fora um pessimista. Conduzindo um carro por uma estrada a alguma velocidade, por exemplo, dificilmente não me punha a pensar no que aconteceria se, num desvio subtil do volante, passasse para a faixa contrária e embatesse de frente contra outro carro; segurando um bebé ao colo, imaginava com um pânico surdo o que seria de mim se o deixasse cair de uma varanda; enfim, este género de aberrações. Mesmo imaginada, uma dor continua a ser uma dor; está lá quando nos deitamos à noite, está lá antes do pequeno-almoço. Assim, com tempo nas mãos, munido destas ideias absurdas, e com

uma secreta descrença na literatura, continuei a procrastinar, a adiar e a beber, arranjando toda a espécie de justificações para evitar a incômoda tarefa de, finalmente, me sentar e começar a escrever.

III

A história que tenho para contar começa pouco depois, numa manhã de Dezembro, faz agora precisamente um ano, em que um pequeno acontecimento precipitou todos os outros e não tardou a alterar tudo. Foi uma manhã em que acordei de ressaca e caí das escadas do meu prédio quando saía para ir tomar o pequeno-almoço. Tenho uma recordação invulgarmente lúcida desse instante: lavei os dentes, dei um gole num café insípido do dia anterior, pensei no jogo de futebol que me esquecera de ver, abri a porta de casa, saí para o pátio e, quando cheguei às escadas, perdi os sentidos e caí. Quando recuperei a consciência, dei conta de duas coisas: uma, que tinha uma dor lancinante na perna direita; outra, que tinha também batido com a boca no chão e que, para além de ter aberto o lábio, lascara um dente. Peguei no fragmento do dente, colocando-o entre o polegar e o indicador da mão direita, e tive a certeza, nesse preciso momento – como tantas vezes antes, com um baque surdo do coração –, de que havia qualquer coisa profundamente errada comigo.

Com a ajuda de um vizinho, fui para o hospital, onde me informaram, depois dos exames, que tinha fracturado a tibia. Com a perna engessada, regressei a casa alguns dias depois acompanhado de uma paciente rapariga chamada Magda, com quem andava a sair nessa altura, que deixou o trabalho a meio da tarde para me ir buscar (Magda trabalhava num banco, lia obsessivamen-

te os livros de Milan Kundera e, por alguma razão insondável, gostava de mim). Passei o Janeiro inteiro em casa, a ver televisão e a comer a sopa e as refeições ligeiras que Magda me trazia diariamente. Além disso, fazia-me café, mudava-me os lençóis e lavava-me a roupa, enquanto eu me passeava de um lado para o outro num par de muletas, atirando coisas ao chão e queixando-me de como a minha sorte estava a impedir o progresso de um genial romance que, na verdade, nunca chegara a começar. Magda foi perdendo a paciência até que, na tarde em que fui tirar o gesso, a perdeu de vez. Embora eu continuasse coxo, insisti em que fôssemos a um bar junto do rio onde bebi demasiado em pouco tempo. Depois disse-lhe:

«Estou farto de tudo, sabes? A vida nem é propriamente um sonho, é mais uma insónia interminável num quarto cheio de melgas.»

Estávamos sentados a uma mesa da esplanada. Ela levantou-se e colocou a carteira ao ombro. Não estava pelos ajustes.

«Vai-te lixar, tu mais a metafísica», disse, e deixou-me sozinho debaixo de uma chuva inesperada e breve que me encharcou o cabelo e as roupas. Fiquei ali sentado durante uma hora depois do dilúvio – ou talvez mais do que uma hora, não me recordo –, sentindo pena de mim próprio. Depois um empregado veio dizer-me que estavam a fechar, paguei a conta e coxeei pelas ruas à procura de um táxi.

A seguir a esse episódio as coisas pioraram. Tal como acontecia às personagens dos meus livros, as sombras apertaram-se sobre a minha existência e, sem que eu pudesse lutar contra isso, tornei-me cativo de uma prisão que eu próprio inventei. Fechado em casa, sozinho e coxo, deixei-me levar por uma vaga de tristeza

que parecia não ter fim. Ou talvez minta, e a vaga não fosse de tristeza, mas de indiferença, aquela espécie de cansaço resignado que provoca nos homens sonolência a horas bizarras e estômagos sensíveis. Vagueei, titubeante, pelos dois quartos e pela pequena sala do meu apartamento como um velho vagueia por um asilo, sem propósito nem razão. Ocasionalmente vi televisão. Uma noite, por mero acaso, sentado no sofá a olhar para as imagens, assisti a um programa americano sobre um médico que coxeava e usava uma bengala. Vi um episódio, depois vi outro, e acabei por ficar viciado; durante os meses que se seguiram, assisti a todos os episódios que eram exibidos. Nos pequenos momentos de lucidez telefonei a alguns amigos, todos eles demasiado ocupados com as suas famílias e os seus empregos e a vida de todos os dias e sem tempo para os meus queixumes; em momentos de insanidade, provocados pela solidão, tive discussões acesas com um vizinho cujos cães invadiam o meu pátio ao entardecer e lá deixavam as suas fezes. O vizinho recomendava-me alternadamente, em voz alta, que fosse trabalhar ou que procurasse um médico. Escolhi a segunda alternativa.

Fosse culpa do programa de televisão ou do meu precário estado sentimental, a verdade é que a perna não dava sinais de recuperação. O médico garantiu-me que era uma coisa passageira e depois pediu-me que fizesse uma série de exames, o que me convenceu de que havia realmente alguma coisa errada e de que me mentira. Na semana seguinte fiz as radiografias num hospital público. Os resultados não revelaram qualquer problema, mas eu estava seguro de que havia uma conspiração biológica em gestação porque as dores na perna se recusavam a deixar-me. Procurei uma segunda opinião. Depois de novos exames e inúmeras consultas, o meu diagnóstico era incerto. Segundo alguns médicos, sofria de

hipocondria; segundo outros, de um estado de saúde débil sem causa aparente. Acabei por regressar ao médico inicial, que começou a receitar-me ansiolíticos.

Quando, finalmente, aceitei aquele cruel destino – de que iria coxear para o resto dos meus dias – fui a uma loja na Baixa e comprei uma bengala *Rosewood* em mogno castanho, com castão também em madeira. Comecei a usá-la dentro e fora de casa, dando longos passeios ao entardecer pelo parque próximo do meu apartamento, que era habitado por velhos e pombos igualmente decadentes. Quando, em Março, entrei no consultório do médico para lhe mostrar o resultado dos exames mais recentes, de bengala em punho, o homem arregalou os olhos. Depois olhou demoradamente para os envelopes que eu trazia, abriu-os, consultou a papela-da com o ar enigmático dos médicos, murmurou alguma coisa imperceptível e finalmente perguntou-me por que razão andava eu de bengala. Expliquei-lhe que continuava com dores e que era penoso arrastar a perna de um lado para o outro sem apoio. O homem limitou-se a olhar uma última vez para os exames e repetiu que não havia qualquer razão plausível para o meu estado.

«Livre-se da bengala», disse, em tom paternalista. «Não lembra ao diabo um homem de trinta e tal anos andar por aí como se fosse um velho.»

«O médico da televisão tem uma», argumentei.

«E também tem fama, dinheiro e idade para ser seu pai.»

Depois falou em distúrbios psicossomáticos e escreveu o número de um psiquiatra numa folha de receitas. Saí do consultório sem dizer mais nada, apoiado, passo a passo, na bengala, e à saída do hospital atirei a folha para o lixo.

Se antes eu era um pessimista, depois de comprar a bengala passei a ser um cínico. Um homem novo com

uma bengala podia dar-se ao luxo de desprezar o mundo e, assim sendo, eu tencionava aproveitar a oportunidade para ajustar contas com a realidade. Havia alguma coisa naquele objecto – e na dor constante que sentia na perna, e na firme crença de que, dentro de mim, algo apodrecia – que transformava todo o cepticismo da minha juventude no mais puro fel. Não conseguia andar sem coxear e, no entanto, todos me observavam com o mesmo olhar incrédulo do médico, como se eu fosse maluco e imitasse um inválido por puro prazer. O médico tivera razão numa coisa: um homem de trinta e tal anos com uma bengala não lembra ao diabo; era preciso mais atrevimento para que o diabo se lembrasse de nós.

Uma noite entrei no meu prédio e encontrei Magda sentada nas escadas do átrio. Por um momento imaginei uma dramática reconciliação, mas depois ela explicou que vinha buscar umas coisas que deixara lá em casa.

«Podias ter telefonado antes», disse-lhe, coxeando na direcção do elevador, apoiando-me na bengala com a mão direita.

«Eu tentei telefonar imensas vezes, mas tu nunca atendes», respondeu ela. «O que é isso?» Apontava para a bengala.

«Estou doente», disse-lhe.

«Estás doente? Estás doente de quê?», perguntou com algum desprezo enquanto atravessávamos as portas enferrujadas do elevador.

«Diagnóstico incerto», respondi. «Embora esteja razoavelmente seguro de que é cancro dos ossos.»

Magda revirou os olhos, o que me deu vontade de a esbofetear. Depois olhei para o seu rosto simétrico – de olhos castanhos muito claros, o cabelo alourado – e para as suas mãos longas de dedos finos cujos ossos sobressaíam, como se o esqueleto tivesse ganas de se mostrar. Fitei demoradamente os seus seios pequenos mas perfeitos.

«O cancro não te tirou a vontade», disse ela, saindo do elevador para o patamar. Percorremos o corredor escuro em silêncio. Lá fora, o som de uma ambulância denunciava a cidade. Cinco minutos passados, Magda saía com um caixote de livros, discos e alguma roupa que deixara espalhada pelo apartamento e que eu não me preocupara em arrumar.

«Toma conta de ti», disse-me.

Apoiei o corpo todo na bengala, segurando o cabo com as duas mãos.

«Vou fazer os possíveis.»

Magda afastava-se.

«Finalmente li o teu último livro», disse ela, antes de entrar no elevador.

Senti um espasmo de ansiedade.

«Ah sim? O que é que achaste?» perguntei, tentando fingir indiferença.

«É chato. Parece que tem o dobro das páginas que realmente tem.»

Magda entrou no elevador e a porta fechou-se atrás dela. Proferi um palavrão, sentindo o rancor acumular-se na garganta, voltei para casa e parti uma caneca que estava em cima da bancada da cozinha com um golpe destro da minha *Rosewood*.

O telefonema chegou numa tarde de sexta-feira. Havia alguns dias que não saía de casa e, arrastando-me vagarosamente, fazia viagens esporádicas entre a cozinha e a sala, onde me sentara no sofá a ler um livro qualquer cujo título e o autor me escapam. Lia por ler, sem verdadeiro interesse. A televisão tinha-se avariado no final de Março e, privado do programa do médico americano para me entreter, o aborrecimento instalara-se. Aborrecia-me estar em casa e aborrecia-me sair; não existia qualquer razão, na verdade, para estar em parte alguma. Entretanto, ia acumulando contas por pagar na caixa do correio, decidido a ignorá-las por receio de consultar

o meu extracto bancário. Ao fim de tantos meses sem trabalho, e com o custo acrescido das consultas e dos exames, era provável que estivesse a gastar a última parcela das minhas economias, e o subsídio de desemprego seria insuficiente para me sustentar. A perspectiva de voltar a trabalhar, contudo, era aterradora.

É estranho, assim, que tenha atendido aquela chamada; mas a verdade é que atendi. Foi numa sexta-feira chuvosa de Abril. O telefone tocou e, sem pensar no assunto – e depois de semanas a ignorar precisamente o mesmo som –, estiquei o braço e levei o auscultador ao ouvido. Chegou-me a voz da secretária da editora que publicava os meus livros dizendo-me que iria passar-me ao assistente editorial. O assistente cumprimentou-me e informou-me de uma vaga para um ciclo de conferências na Hungria, organizado para escritores europeus, e perguntou-me se estaria disponível.

«Não», respondi.

«É pago», disse ele.

«O quê?»

«A conferência. É paga, e bem paga.»

Quis recusar novamente mas depois hesitei. Fez-se silêncio.

«Estás disponível?», perguntou o assistente.

«Sim. Quero dizer, depende.»

«Depende do quê?»

«A estadia também é paga?»

«É tudo subsidiado pelo European Writers Bureau.»

«O que é isso?»

«É um novo departamento em Bruxelas. Um organismo, como gostam de lhe chamar. Foi fundado por um sueco, e sabes como são os suecos.»

«Hum-hum», respondi, sem ter ideia nenhuma de como eram os suecos. Vieram-me à cabeça imagens de filmes pornográficos dos anos setenta.

«O que significa é que tens hotel e comida à borla e um *per diem* bastante razoável. E um cheque no final.»

«Quanto tempo?»

«Uma semana em Junho.» Respirei fundo. Era dinheiro.

«Está bem.»

Houve um momento de silêncio.

«Está bem?», repetiu ele.

«Há algum problema?»

«Tínhamos a certeza de que ias recusar. Faziam-se apostas aqui no escritório.»

«Então para que é que telefonaram?»

«Para ver o que acontecia, claro.»

«Porque é que haveria de recusar?»

Novo silêncio.

«Corre por aí um rumor de que estás doente», respondeu o assistente.

«E estou», disse, com voz soturna.

«Bom, para ser sincero, estive com o Heitor na semana passada e ele disse que esbarrou contigo na rua há uns tempos.»

«Como assim, *esbarrou*? Não me lembro disso.»

«Esbarrou contigo, literalmente. Disse que tu andavas pela rua de olhos no chão, com uma bengala, a ir contra as pessoas como se fosses cegueta. Chocou contigo e tu insultaste-o e seguiste em frente.»

Vasculhei a memória à procura daquele momento. Nada me ocorreu.

«Não tenho qualquer recordação disso.»

«Pois ele lembra-se», disse o assistente. «Chamaste-lhe filho-da-puta e disseste-lhe para ver por onde andava.»

«Hum», respondi, cansado da conversa. «Tenho de ir. Está na hora dos medicamentos e a enfermeira só pode ficar até às seis. Depois disso tenho de mudar o cateter sozinho.»

Desta vez não houve resposta do outro lado.

«Liga-me em Junho com os pormenores», disse, por fim, e desliguei¹.

IV

Na segunda semana de Junho parti para Budapeste. Os preparativos não foram fáceis. Telefonei para a companhia aérea que emitira o bilhete que a editora me enviara e pedi um lugar para pessoas com deficiência. A mulher que atendeu perguntou se podia ser mais específico. Disse-lhe que estava a morrer. Ela ficou em silêncio durante uns segundos e depois respondeu que aquela era uma companhia aérea de baixo custo e que não ofereciam condições especiais, nem mesmo para pessoas que estavam a morrer, que eram, bem vistas as coisas, todos os passageiros. Acabei por achar graça à mulher e deixei passar. Havia outros problemas mais prementes: fazer as malas, planear a conferência e arranjar paciência para sair de casa. A primeira foi a mais fácil das tarefas; a segunda, guardei-a para o avião; a terceira, resolvi-a

¹ Que querem que vos diga? Que sou um narrador digno da vossa confiança? Que estou aqui para contar toda a verdade e nada menos do que a verdade? O problema da «verdade», claro está, é que constitui uma artimanha que só funciona em ficção; a realidade não tem qualquer verdade, uma vez que depende do ponto de vista do observador. O ponto de vista é a condição primeira da narrativa e a narrativa a condição primeira da ficção. Porque esta é uma história verdadeira, é passível de ser encontrado outro observador que desmintá todos os factos que doravante irei apresentar – embora, ironicamente, e em favor da «verdade», nenhum outro observador possa recriar os sinistros acontecimentos do Bom Inverno, mesmo que seja para os desmentir. Qualquer um pode socorrer-se dos jornais e verificar alguns factos desta narrativa, nomeadamente os do domínio público: a existência de Don Metzger e o lugar onde foi declarado o seu desaparecimento; a existência de Vincenzo Gentile, escritor italiano; a propriedade que pertenceu a Metzger, situada entre a Via Litoranea e a Strada Statale 148, a cerca de sete quilómetros de Sabaudia, no meio de um bosque. Esse número de verificações bastará para dissipar a ideia, porventura já formada na cabeça do leitor, de uma imaginação demasiado fértil por parte do narrador.

chamando um táxi que me veio buscar à porta do apartamento para que não tivesse hipóteses de faltar ao compromisso.

Budapeste era completamente diferente do que eu esperara. De um dos lados do rio, era uma cidade europeia de contornos imperiais, do outro, uma espécie de aldeia medieval com castelos e palacetes. O nome para rua era «Utca», «Ter» significava praça, e a língua era absolutamente incompreensível. Do aeroporto apanhei um táxi e mostrei ao homem a morada do hotel que tinha escrito num caderno. Ele olhou para a minha bengala, abanou a cabeça num gesto solidário e, no final, recusou a gorjeta. Nada interessado em fazer turismo ou conhecer as atrações locais, fiquei no quarto de hotel na primeira noite – que não era um hotel mas uma estalagem medieval construída em pedra, de tectos tão rasos que batia com a cabeça sempre que subia as estreitas escadas que conduziam ao segundo andar, provocando risos tímidos nas meninas da recepção. Deitado na cama, olhei para o que tinha escrito no avião a respeito da conferência. Eram gatafunhos incompreensíveis. Resolvi começar tudo outra vez. O tema proposto era a nova direcção da literatura europeia e, sem qualquer ideia por onde começar, ou que direcção pudesse ser essa, fui rabiscando idiotices e depois resolvi deixar o assunto nas mãos da inspiração que tivesse no momento. Às duas da manhã, a perna começou novamente a doer-me e manteve-me acordado até de madrugada. Às oito o telefone tocava: era Eva Kalman, a organizadora do festival de literatura, a convocar-me para uma reunião no outro lado da cidade. Amaldiçoei-me por ter aceitado fazer a viagem e saí da cama com um grunhido.

O Palácio Karolyi ficava no centro de Peste. O táxi atravessou, devagar, a ponte que cruzava o Danúbio, enquanto o taxista falava ininterruptamente, num inglês